

PAISAGEM ABSTRATA

H

á controvérsias,
diria o personagem da Escolinha do Professor Raimundo

(Chico Anísio), o irreverente e polêmico Pedra Noventa, ao exigir a apresentação de documentação comprobatória de certos episódios históricos da humanidade, como, por exemplo, a certidão de nascimento de Jesus Cristo. Mas é assim mesmo que reage o cidadão comum quando ouve contar casos ocorridos no passado ou a descrição de como era a realidade da paisagem urbana de alguns anos atrás.

Poucos os que acreditam no simples relato verbal.

Para a maioria, invencionice da imaginação do eventual narrador.

É difícil falar que o rio Vieira, que cruza a parte urbana de Montes Claros, espremido em canais de cimento e ferro, já foi um dia um exuberante córrego de águas límpidas e habitat

de muitas espécies de peixe.

Nadava-se e pescava-se no rio Vieira.

O que dizer do rio do Carrapato, rico manancial e principal tributário do Vieira, que cruzava fazendas da parte sudeste e fazia as vezes de clube campestre para as famílias nos finais de semana, com suas piscinas (poços) naturais?

Que menino da província não deu um salto mortal das barrancas na Lajinha, sua mais avantajada barragem natural no quase território urbano?

E o gigantesco poço do rio do Cedro, na região nordeste, que não ficava devendo em nada o famigerado piscinão de Ramos do mar carioca do século XXI?

O homem ergueu desordenadamente casas e comércio às margens dos córregos, como sói acontecer aos processos de ocupação territorial.

E a cidade foi crescendo.



A população aumentando.

Os subúrbios viraram apêndice do centro urbano - ansioso pelo progresso de engenharia e tecnologia avançada da sociedade materialista e consumista da era moderna.

As fossas sépticas foram substituídas pela canalização de esgoto, desaguando água e detritos sólidos nos ribeirões.

Com o passar dos anos, os córregos transformaram-se em simples canais condutores dos resíduos domésticos, a céu aberto.

Piscina natural e rio de pescaria foram extintos pela corrida desenfreada do progresso urbano.

O ipê, amarelo ou roxo, impunha-se como supra-sumo da beleza plástica da paisagem natural do cerrado que circundava a província.

Mas havia outras árvores exóticas, de madeira de lei, como o cedro e a aroeira.

E o que dizer dos vegetais frutíferos, dentre eles, o incomparável pequi, o coqueiro, a mangabeira e o araçazeiro?

O machado e a serra do homem tido como civilizado derrubaram os arbustos para construir casa de quintal.

Sequer cuidou de promover a preservação de um cinturão verde.

Ou proteger as matas ciliares dos córregos.

A natureza, de tão grande e dadivosa, apresentava-se inesgotável e vitalícia.

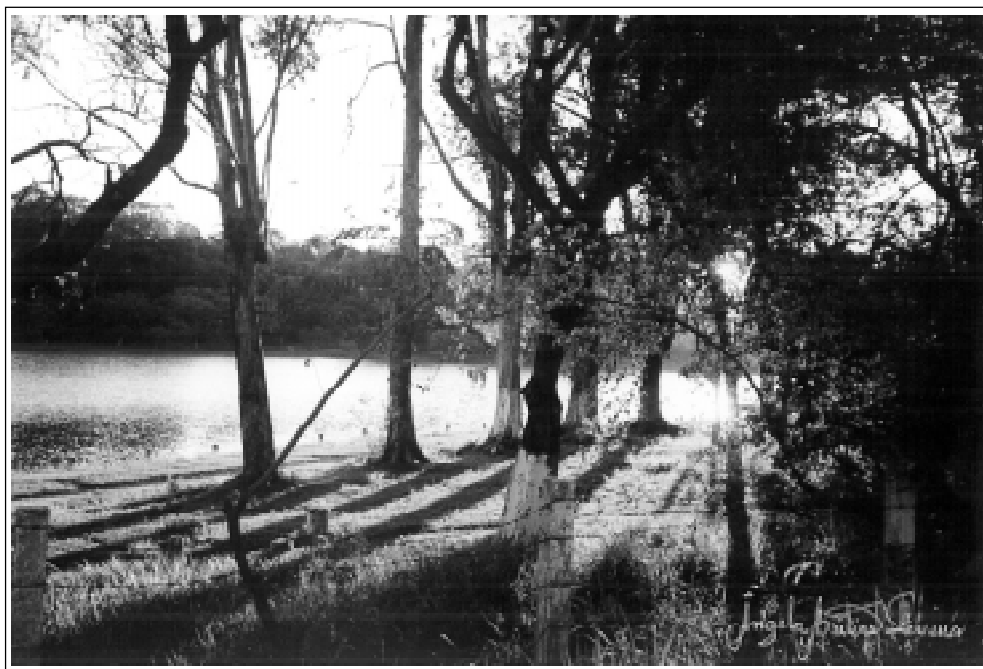
Como explicar tudo isso aos moços do presente?

Como justificar a exaustão das águas puras e a dizimação das florestas?

A fotografia panorâmica em cores pendurada na parede faz parecer abstrata a pictografia da paisagem urbana do passado violentada pelo presente em nome do futuro.

Carvoeira e siderúrgica de fogo e ferro parece que devoraram a floresta encantadora e mágica.

E o amanhã descolorido da poluição, desoladamente indaga: o que era doce (verde) acabou?





FESTAS DE AGOSTO









